RELATÓRIO ESPECIAL

A herança do kirchnerismo: cenário do próximo governo argentino a um ano das eleições presidenciais

Buenos Aires, outubro de 2014

d+i LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO
2. INFLAÇÃO, EMISSÃO E GASTO PÚBLICO
3. ATRASO CAMBIAL E FUGA DE CAPITAIS
4. A SAÍDA DA ARMADILHA
5. A VOLTA AO MERCADO DE CAPITAIS
6. INCERTEZAS MARCAM A ARGENTINA
7. OS VENCIMENTOS DA DÍVIDA
8. TARIFAS E SUBSÍDIOS: A HORA DO AJUSTE
9. A QUESTÃO SOCIAL
10. CONCLUSÃO

AUTOR

LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO

Em 10 de dezembro de 2015, a Argentina vai encerrar o ciclo populista, que começou no início da última década com a saída da mais grave crise institucional da história do país. Após o governo de transição liderado por Eduardo Duhal (2001 -2013), Nestor Kirchner (2003-2007) e sua esposa Cristina Fernandez lideraram um processo que conquistou alguns indicadores macroeconômicos bem-sucedidos em uma primeira fase —como um crescimento médio anual de **6% do PIB**— e que **hoje se converte** em uma economia praticamente estagnada, isolada dos grandes investimentos e submetida à forte pressão inflacionária.

A Presidente Fernández de Kirchner **carece de um sucessor**: por um lado, a última derrota eleitoral (2013), a privou de uma reforma constitucional que lhe permitiria ser reeleita para um segundo mandato; por outro, o kirchnerismo optou, —pelo menos até aqui—, por não construir de dentro do partido o candidato capaz de prolongar o chamado **Projeto Nacional e Popular**. O governo conseguiu estruturar quase toda a vida política argentina segundo a **lógica de pares opostos**, de modo que os candidatos são definidos principalmente de acordo com seu posicionamento diante da agenda oficial. Neste sentido, as pesquisas mostram um **empate triplo virtual**: em primeiro lugar aparece um **kirchnerista**, **agora opositor** (o deputado nacional Sergio Massa, ex-chefe de gabinete de Cristina), seguido de perto por um **kirchnerista moderado** (Daniel Scioli, atual governador da província de Buenos Aires e ex-vice-presidente de Néstor) e vem crescendo um **opositor anti-kirchnerista e não-peronista** (Mauricio Macri, chefe de Governo da Cidade de Buenos Aires), os três distantes dos demais pré-candidatos da Frente Radical-Socialista (centro-esquerda).

Os possíveis sucessores de Cristina Fernández **não são muito diferentes entre si**. Em seus esboços de campanha, todos apresentam ideias mais ou menos semelhantes para as dificuldades que a economia argentina deverá superar nos próximos anos.

As eleições serão realizadas em outubro do próximo ano. Tudo parece indicar que o Governo, no futuro e até o último dia de seu mandato, não fará mais que **aprofundar** sua direção atual: **as revisões e o passo atrás** nunca foram o forte dos Kirchners. Quem simboliza o rumo econômico é **o jovem ministro Axel Kicillof**, conselheiro favorito da

Presidenta e um dos líderes políticos com pior imagem diante do eleitorado[1]. E quem o sustenta no discurso ideológico é o grupo de jovens ***La Cámpora***, presidido por Máximo Kirchner, filho de Néstor e Cristina.

O último ano de mandato de Cristina começa marcado pela **recessão** e pela **desaceleração do PIB**[2]. Abaixo, alguns dos **principais desafios** a serem enfrentados por quem receber a herança do kichnerismo.

OS 3 PRINCIPAIS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA

Sergio Massa. Tem 42 anos e é advogado. Iniciou sua militância política na UCD (centro-direita) e, em seguida, ingressou no Partido Justicialista (Peronista). Sua plataforma foi o governo da cidade da província de Buenos Aires - Tigre, cargo que ocupou por quatro anos. Logo esteve à frente da Previdência Social e, entre 2008 e 2009, foi chefe de Gabinete de Cristina Kirchner. Ano passado rompeu com a Presidente para encabeçar a lista de deputados da Frente de Renovação (Peronista).

Daniel Scioli. Tem 57 anos e é graduado em marketing. Governa a província de Buenos Aires desde 2007. Antes foi vice-presidente de Néstor Kirchner. Sempre dentro do Justicialismo, partido que agora preside, ingressou na política a partir da sua atividade como motonauta profissional. Anteriormente, foi Secretário de Esportes, Ministro do Turismo e Deputado Nacional.

Mauricio Macri. Tem 55 anos e é engenheiro. Chefe de Governo da Cidade Autônoma de Buenos Aires desde 2007, fundou seu próprio partido: PRO (centro-direita). Antes, foi deputado nacional e presidente do Clube Boca Juniors, onde obteve importantes títulos internacionais. É filho de um dos empresários mais importantes do país.

INTENÇÃO DE VOTO POR CANDIDATO A 12 MESES DAS ELEIÇÕES

SERGIO MASSA	24,3
DANIEL SCIOLI	23,5
MAURICIO MACRI	23,2

Fonte: M&F

1 De acordo com uma pesquisa realizada pelo instituto de pesquisas Management&Fit, o ministro Kicillof tem uma imagem negativa de 67 por cento

2 As previsões privadas estimam uma queda do PIB entre -0,5 e -2 por cento

2. INFLAÇÃO, EMISSÃO E GASTO PÚBLICO

Uma das primeiras reações do kirchnerismo frente ao incipiente aumento de preços, em 2007, foi a **intervenção** ao órgão dedicado a medir estatísticas nacionais. Desde então, a inflação argentina tem **um indicador oficial e outros construídos por diferentes atores privados**, mais em sintonia com a realidade do bolso. No projeto de lei de Orçamento que o Poder Executivo enviou ao Congresso em setembro, por exemplo, se calcula uma inflação anual de 15% em 2015, quando a maior **parte dos prognósticos variam de 30 a 45%**.

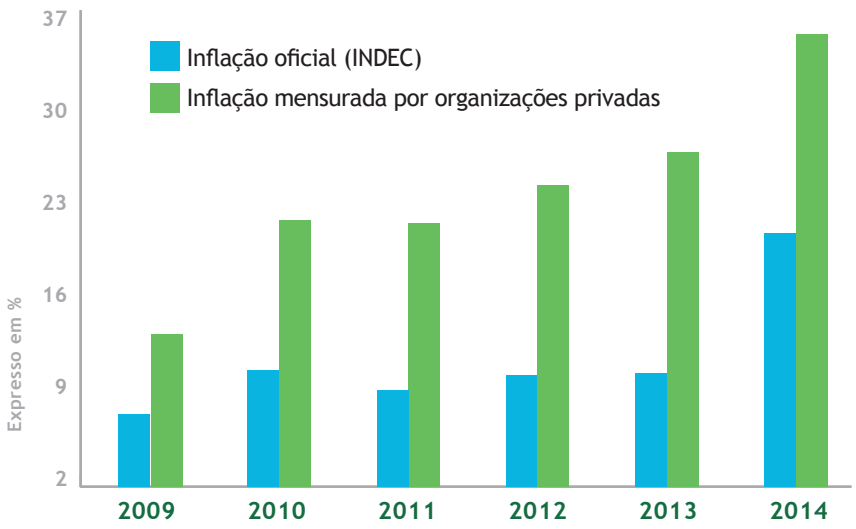
O crescente ritmo da inflação foi acelerado ao longo do segundo semestre de 2014, desencadeado, em boa medida, pela chamada **crise do *default***. Isto é, pela decisão da Justiça de Nova York de frear o pagamento da dívida reestruturada nas mãos de detentores de bônus ("fundos abutre") que se recusam a saldar o que outros credores oportunamente aceitaram. O fracasso da estratégia judicial argentina nos Estados Unidos terminou com uma declaração formal de **desacato**, de consequências práticas não muito relevantes, mas com carga simbólica suficiente para esvaziar as expectativas de que o governo pudesse voltar mais ou menos rápido ao **mercado internacional de capitais**.

"O Banco Central vem financiando o crescente gasto público com emissão de moeda"

Sem este fluxo, todo o **financiamento do gasto público** —também crescente— ficou nas costas do Banco Central, a tal ponto que se pode afirmar que o setor público argentino **vem financiando a si mesmo com a emissão de moeda**. Coloridos programas de controle de preços, a aplicação de leis de abastecimento e outros remendos não conseguiram deter este fenômeno.

Parece difícil que o próximo ano, eleitoral, inclua uma redução nos gastos públicos. O primeiro dado, no Projeto de Orçamento, não é encorajador neste sentido: prevê a nomeação de uma média de 36 funcionários estatais por dia[3]. E as **discussões salariais** prometem ser duríssimas, tanto que o desprestigiado sindicalismo procurará aproveitar o clima de campanha para recuperar o poder aquisitivo que os salários perderam levemente em 2013 e de maneira drástica em 2014.

INFLAÇÃO OFICIAL X INFLAÇÃO PRIVADA



Fonte: INDEC e consultorias

3 Jornal La Nación, de 28 de setembro de 2014

3. ATRASO CAMBIAL E FUGA DE CAPITAIS

Em janeiro de 2014, o Governo determinou uma **desvalorização de 20%**. No entanto, os efeitos da medida sobre a competitividade evaporaram com a própria inflação. A primeira correção cambial atacou uma lacuna entre o dólar oficial e o paralelo de 74%, o que já foi superado novamente. Tudo indica que haverá uma **segunda desvalorização**: resta saber quando e de que magnitude.

Uma brecha muito grande só tem consequências negativas, já que incentiva a **queda de reservas**, desencoraja a **entrada de divisas pelo circuito formal** e acentua ainda mais a fuga de capitais. Até antes do *default* se projetava um tipo de mudança tardia, com um leve atraso sobre o aumento dos preços e este retardo compensado com dólares procedentes do mercado de capitais: **nada disso aconteceu.**

O que o governo de Cristina Kirchner fará? O Banco Central —que em 2013 **perdeu independência** com a reforma de sua Carta Orgânica— tem pouca margem para elevar ainda mais as taxas de juros pagas pela absorção de pesos. Um **desdobramento cambial**, no melhor estilo venezuelano - um tipo de câmbio para o setor financeiro, outro para o turismo, um ainda mais inferior para a exportação, é uma possibilidade real, até mesmo para chegar com mais oxigênio a outubro de 2015.

A disparada do dólar paralelo obedece tanto as **más expectativas** gerais como a um fato concreto: **a queda do preço da soja**, o principal *commodity* exportador da Argentina. Isto está fazendo sobrar reservas ao país, além disso —como se encarrega de ressaltar o Governo— os produtores estão retendo grãos a fim de preservar o valor de seus ativos.

4. A SAÍDA DA ARMADILHA

Na Argentina se chama "armadilha" a **restrição** de acesso ao mercado cambial estabelecida em novembro de 2011. Foi o modo do governo Kirchner de **conter a fuga de capitais**, fruto do evidente atraso cambial acumulado até então e que não fez nada mais que crescer até hoje. Naquela época evitou, timidamente, o **desdobramento cambial de fato**.

Liberar o mercado de câmbio de maneira ordenada é outro desafio que terão de enfrentar os sucessores de Cristina e Kicillof. Isto só parece possível se o novo governo conseguir **reconstruir as expectativas** tanto quanto **recapitalizar o Banco Central**, cujas reservas caíram de 52 bilhões de dólares para menos de 28 bilhões nos últimos dois anos.

As expectativas —já é evidente— não começarão a aparecer senão com um novo Presidente: os candidatos concordam com a necessidade de implementar uma **política monetária e fiscal crível**, que atenue o impacto inicial de uma possível desvalorização. O tempo dirá o quão rapidamente o próximo governo conseguirá ga-

"Tudo indica que haverá uma nova desvalorização: resta saber quando e de que magnitude"

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS
em porcentagem, de acordo com a evolução

PERSPECTIVAS	2014	2015
PIB	-1,1	0,3
Consumo	-1,5	0,2
Investimento	-3,5	-0,8
Prod. Industrial	-3,4	0,8
Desemprego	7,8	8,6
Balanço Fiscal	-2,8	-3
Inflação	25/35	35/45

Fonte: LatinFocus

nhar **confiança** para a Argentina e gerar a **entrada de investimentos** que revertam a tendência de fuga de capitais: a mudança na percepção **não será automática**.

5. A VOLTA AO MERCADO DE CAPITAIS

O **investimento estrangeiro direto** no país não deixa de cair desde 2011: está em 9 bilhões de dólares, abaixo do que recebem mercados como o Peru, a Colômbia ou Chile[4]. Segundo o *Global Innovation Index 2014*, dos 143 países do mundo, a Argentina é o número 124 na categoria **Clima de Negócios**[5].

Para o próximo governo será crucial alcançar o **retorno da Argentina ao mercados de capitais**. O retorno ao Fundo Monetário Internacional, por exemplo, representaria a possibilidade de voltar a solicitar **créditos brandos** para a infraestrutura; outra das contas pendentes do país são as linhas em que o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) vieram retalhando, ainda que não de maneira oficial.

As necessidades mais ostensivas são a melhoria da **rede viária**, chave para promover a mobilidade da produção agrícola do país, e o **plano energético.** Não apenas para colocar em andamento do escoamento do campo petrolífero de ***Vaca Muerta***, mas para restaurar o setor elétrico e do gás.

A **colocação da dívida no mercado** será outro caminho a explorar. Governo e empresas argentinas deverão buscar fundos; no caso do setor privado, será a opção para aquelas companhias que, se espera, possam ser um ativo atraente para as empresas estrangeiras.

6. INCERTEZAS MARCAM A ARGENTINA

Para repatriar fundos argentinos no exterior —mensurados em até **400 bilhões de dólares**[6]— ou para incentivar a entrada de capital estrangeiro, o próximo Presidente deverá recuperar a confiança dos investidores no país. As duas últimas notícias a esse respeito, o desacato e o calote da dívida soberana (seletivo), mais a reforma da lei de Abastecimento, são novos marcos na **relação hostil** que Kirchnerismo estabeleceu com boa parte do capital privado.

"Dos 143 países do mundo, a Argentina é o número 124 na categoria Clima de Negócios"

RISCO PAÍS DAS ECONOMIAS EMERGENTES DE AMÉRICA LATINA

em pontos

VENENZUELA	1.458
ARGENTINA	738
EQUADOR	396
BRASIL	239
URUGUA	200
PANAMÁ	187
COLÔMBIA	168
PERU	163
MÉXICO	162

Fonte: JP Morgan

4 Dados da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), que prevê os investimentos derivados de dividendos que não podem ser transformados em sua casa matriz. In: http://www.cepal.org/publicações / xml / 9/52979 / LaInversionExtran- jera2013.pdf

5 O índice é produzido pela Universidade de Cornell, a escola de negócios Insead e a World Intellectual Property Organization (United Nations). Em: https://www.globalinnovationindex.org/userfiles/file/reportpdf /gii-2014-v5.pdf

6 Dados de mercado

"A lei do Abastecimento reforça o papel simbólico que o Governo conferiu aos empresários"

A **lei de Abastecimento**, em especial, confere ao Poder Executivo algumas ferramentas que reforçam o seu **papel interventor** no setor privado. Entre outras, no **estabelecimento de margens de lucro** e de disposições administrativas para reorientá-las, segundo necessidades superiores, qualquer etapa de produção ou comercialização de produtos relevantes. Líderes de negócios, em uma posição conjunta pouco habitual, expressaram de forma pública —outra raridade— suas discordância em relação à norma. Dirigentes opositores adiantaram que planejavam revogá-la. E não faltarão tribunais para declará-la **inconstitucional**.

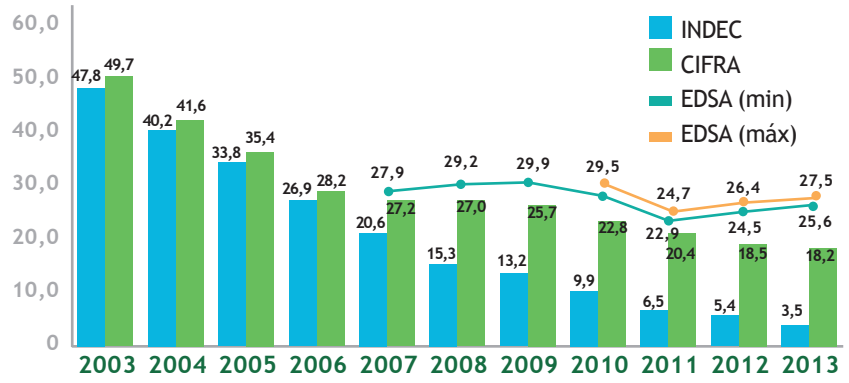
Enquanto isso, a lei reforça o **papel simbólico** que o Governo conferiu a empresários e do qual empreendedores não souberam (ou quiseram) desvencilhar-se. A ideologia Kirchnerista está regida por slogans clichês, tais como **"Pátria ou Abutres" ou "*Clarín* Mente"**. Os grandes meios de comunicação, os tribunais de Nova York, o FMI, alguns sindicalistas, as potências internacionais e também os empresários são parte de uma **constelação de inimigos** na qual o projeto reafirma suas convicções.

O governo Kirchnerista também tem sido profuso em **expropriações**. As mais significativas são, provavelmente, a dos ativos da Repsol na YPF e a de fundos de aposentadoria. Algumas dessas expropriações derivaram **condenações ou laudos desfavoráveis** que o Estado Nacional se negou a acatar.

Quem presidir o país a partir do próximo ano terá que convencer o mundo de que a Argentina está disposta a **cumprir as regras do jogo** normalmente aceitas.

EVOLUÇÃO DA POBREZA NO PAÍS DE ACORDO COM OS RENDIMENTOS.

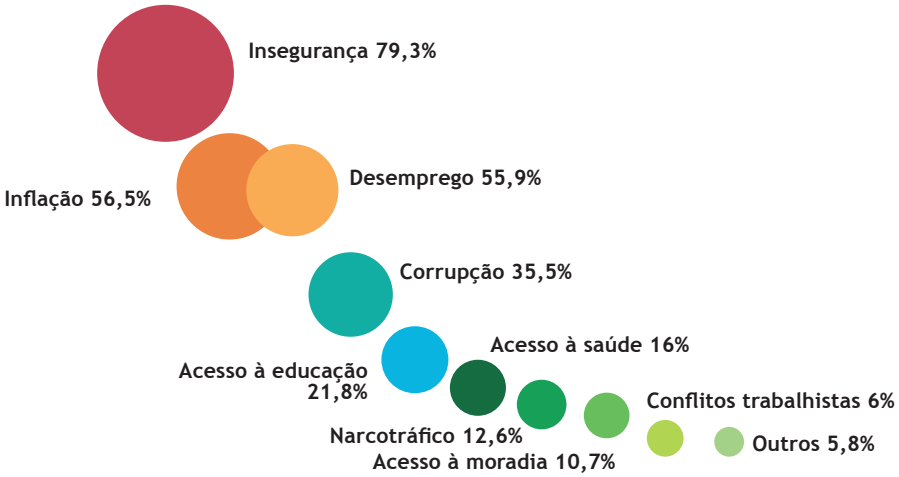
Percentual de pessoas que vivem em situação de pobreza de acordo com os rendimentos



Fonte: Observatório da Dívida Social (UCA), com base no INDEC (2003-2013), CIFRA (2014), EDSA (2007-2009) e EDSA-Bicentenário (2010-2013)

AS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES DOS ARGENTINOS

Porcentagem de menções em cada resposta



Fonte: M&F (agosto de 2014)

7. OS VENCIMENTOS DA DÍVIDA

No início de 2014, Cristina Kirchner pareceu começar a desfazer o caminho que tendia a **normalizar**

“O kirchnerismo muitas vezes se refere estes anos como A Década Ganha. Uma dessas pretensas vitórias está na redução da dívida externa”

VENCIMENTOS DA DÍVIDA SOBERANA
Em milhões de dólares

2014	7.616
2015	12.873
2016	6.874
2017	14.849
2018	6.194
2019	7.891
2020	10.226

Fonte: Ministério da Economia

sua frente externa ao corrigir algumas discrepâncias no Centro Internacional para a Resolução de Disputas sobre Investimentos (CIADI, na sigla em espanhol, o Tribunal Arbitral do Banco Mundial), ao compensar a Repsol pelo confisco da YPF e acordar com o Clube de Paris. A decisão de não acatar o veredicto da Justiça de Nova York —supreendentemente ou não— foi em sentido contrário ao que se havia avançado.

Em Janeiro vencerá uma cláusula (RUFO) que impede a melhoria de ofertas acima das que receberam os detentores de bônus que entraram na troca voluntária da dívida (2005 e 2010). Espera-se que isto gere um estado mais favorável de coisas e que, então, o Governo possa definir duas alternativas: dirigir-se a um acordo com esses detentores de bônus, recriando oportunidades no cenário macroeconômico ou permanecer na “Pátria ou Abutres.”

O kirchnerismo muitas vezes se refere estes anos como **A Década Ganha**. Uma dessas pretensas vitórias está na redução da dívida externa; ou seja, a reestruturação com trocas e descontos, sobretudo durante o governo de Néstor Kirchner, de aproximadamente metade da dívida original. Esse **desendividamento externo** significará **um certo alívio** para o próximo governo.

De fato, a dívida em moeda estrangeira na mão de credores privados caiu consideravelmente, tanto no total consolidado como em porcentagem do PIB, e passou para as mãos dos **credores menos hostis**, pois reduziu o passivo com os privados a troco de incrementá-los com organismos oficiais, como a Previdência Social ou o Banco Central. Tratando-se de uma dívida intraestatal, ninguém espera que o Poder Executivo se preocupe com ela.

Essa dívida é, evidentemente, **mais manejável**. De fato é descontado que o último grande vencimento durante o atual governo (6 bilhões de dólares em outubro de 2015) será saldado com **um novo bônus**, que é muito provável que os credores aceitem de bom grado. Em suma, para além do caso específico do conflito judicial com os “fundos abutres”, não **há problemas asfixiantes** em matéria de dívida externa.

8. TARIFAS E SUBSÍDIOS: A HORA DO AJUSTE

A principal saída de moeda da Argentina prove da **importação de energia** que cobre o mencionado **déficit de infraestrutura**; não deixa de ser paradoxo em um país com **excelentes recursos** da matéria.

Nos primeiros oito meses de 2014, as importações de combustíveis e energia demandaram 8.266 milhões de dólares, que alcançarão os 12 até o fim do

7 Associação Argentina de Orçamento (ASAP). Em: http://www.ieco.clarin.com/economia/presupuesto-subsidios-energia_0_1210079464.html

"O próximo governo deverá contemplar a questão social em um contexto de possível ajuste e redução do gasto público"

ano[7]. São dólares que saem diretamente das reservas do Banco Central e tem como **consequência** o aumento do gasto público, a deterioração da situação fiscal e todas as restrições à livre disposição de divisas.

Paralelo a isso, o Governo destinou cerca de 87 bilhões a mais (cerca de 10 milhões de dólares) de subsídios a empresas públicas e privadas, fundos fiduciários e outros destinos vinculados ao setor energético. A cifra é 87% maior do que o gasto no mesmo período do ano passado. A contrapartida disso é que as tarifas de serviços públicos na Argentina —especialmente em Buenos Aires— estão entre **as mais baixas do região**[8].

A combinação de importações e subsídios é, evidentemente, **insustentável** ao longo do tempo. Este ano, houve um **corte parcial** dos subsídios, que levaram a um forte aumento nas tarifas. O **ajuste final** será feito pelo governo atual, afetando o humor social e impactando na inflação; ou será outra das questões pendentes para os sucessores de Cristina?

9. A QUESTÃO SOCIAL

Como é óbvio, com a queda da atividade econômica, a deterioração da situação do trabalho e o aumento dos preços, as questões sociais passaram a um primeiríssimo plano na Argentina. Aqui também as estatísticas foram **manipuladas**: os últimos dados oficiais conhecidos sobre a pobreza e a indigência refletem a situação em junho de 2013; desde então, com a desculpa da reformulação do índice de preços, vem se atrasando a divulgação dos números que deveriam refletir o impacto das questões aqui referidas na realidade social do país.

A fonte mais confiável é a do Observatório da Dívida Social da Universidade Católica (UCA)[9]. Seu último relatório divulgado em abril aponta que, em dezembro de 2013, **a pobreza alcançou 27,5% da população** (mais de 11 milhões de pobres), dos quais 5,5% do total (mais de 2, 2 milhões de pessoas) seriam indigentes. As outras medições alternativas são mais preocupantes porque colocam a pobreza bem acima dos 30%; em qualquer caso, a pobreza está cinco vezes acima daquele divulgado no último dado oficial.

A disparada da inflação, o desemprego oculto e a inocultável deterioração da economia até agora neste ano, permitem supor que os futuros relatórios serão ainda mais preocupantes. O próximo governo deverá contemplar a questão social no contexto de um eventual **ajuste de tarifas e da redução da despesa pública**, com saídas que sejam **graduais.**

8 Ídem

9 Disponível em http://www.uca.edu.ar/index.php/site/index/es/uca/observatorio-de-la-deuda-social-argentina/

10. CONCLUSÃO

É improvável que o kirchnerismo revise nestes meses o rumo que vem imprimindo à economia nacional. Tudo indica que, ao contrário, **o modelo populista será aprofundado** neste último ano de mandato de Cristina Fernández de Kirchner. Inclusive nos discursos, com emblemas como o "Pátria ou Abutres" ou a suposta luta contra as corporações.

Não restam dúvidas acerca da preponderância do ministro Kicillof e suas receitas. Especialmente após as últimas mudanças no Banco Central.

O ano eleitoral e a vontade do partido oficial de manter-se no poder —ainda que com um **esquema eleitoral ainda não definido**— também faz prever que a Presidenta não disponibilizará nenhum ajuste relevante. Esta será, possivelmente, a primeira tarefa do próximo governo.

O país perdeu uma enorme **credibilidade internacional**. O retorno ao mercado de capitais e ao acesso ao financiamento são outras das tarefas pendentes, em um contexto de significativos atrasos em infraestrutura e produção de energia.

Para restaurar a confiança, o próximo Presidente deverá **destravar** os mecanismos restritivos que o atual governo gerou, desde a armadilha cambial até os limites remessas de lucros por parte de empresas estrangeiras, e proporcionar certeza sobre a vontade do país de **cumprir com os compromissos** já assumidos.

Pobreza e desemprego são o correlato de uma conjuntura econômica. Recompor o tecido social é desafio crucial do próximo presidente da Argentina.

AUTOR

Pablo Abiad é Sócio e Diretor Geral do escritório da LLORENTE & CUENCA na Argentina. Ingressou na empresa em 2009. Especialista em Comunicação Corporativa e Assuntos Públicos, desenvolveu estratégias para grandes companhias argentinas e multinacionais como Barrick, Bimbo, Petrobras e entre outras. Trabalhou durante mais de 15 anos no jornal *Clarín*, onde esteve à frente da cobertura de temas judiciais na seção de Política e Economia, tendo sido ainda colaborador de outros meios de comunicação argentinos e estrangeiros. É autor de dois livros de investigação jornalística de grande repercussão pública, tendo inspirado conferências sobre jornalismo no país e na região.

pabiad@llorenteycuenca.com
www.pabloabiad.com

LLORENTE & CUENCA
CONSULTORES DE COMUNICAÇÃO

Consultoria de Comunicação líder na Espanha, Portugal e na América Latina

A LLORENTE & CUENCA é a primeira consultoria de Comunicação da Espanha, Portugal e América Latina. Conta com **17 sócios** e **330 profissionais** que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividades, com operações voltadas para o mundo que fala **espanhol** e **português**.

Atualmente, possui escritórios próprios na **Argentina**, **Brasil**, **Colômbia**, **Chile**, **China**, **Equador**, **Espanha**, **México**, **Panamá**, **Peru**, **Portugal** e **República Dominicana**. Além disso, através de empresas afiliadas, oferece seus serviços nos **Estados Unidos**, **Bolívia**, **Uruguai** e **Venezuel**

Seu **desenvolvimento internacional** levou a LLORENTE & CUENCA a ocupar, em 2014, a posição 55.ª do Ranking Global das **empresas de comunicação mais importantes do mundo**, produzido anualmente pela publicação The Holmes Report.

Organização

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jallorente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero
Diretor Corporativo de Inovação
jcachinero@llorenteycuenca.com

ESPANHA Y PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor Geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Diretor Geral
acorujo@llorenteycuenca.com

Madrid

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente de Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sênior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Juan Castillero
Diretor Financeiro
jcastillero@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 — planta 3
28001 Madrid (Espanha)
Tel: +34 91 563 77 22

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora-Geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona (Espanha)
Tel: +34 93 217 22 17

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
madalena.martins@imago.pt

Carlos Matos
Sócio
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)
Tel: + 351 21 923 97 00

AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO da América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO da América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonio Lois
Diretor Regional de Recursos Humanos
alois@llorenteycuenca.com

Bogotá

María Esteve
Diretora Geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Germán Jaramillo
Presidente Conselheiro
gjaramillo@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B — of. 501
Bogotá (Colômbia)
Tel: +57 1 7438000

Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e Diretor Geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad
Presidente Conselheiro para o Cone Sul
emorad@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Ciudad de Buenos Aires (Argentina)
Tel: +54 11 5556 0700

Lima

Luisa García
Sócia e CEO da região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Cayetana Aljovín
Gerente Geral
caljovin@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro - Lima (Peru)
Tel: +51 1 2229491

México

Juan Rivera
Sócio e Diretor Geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas # 22 — PH7
05120 Bosques de las Lomas (México)
Tel: +52 55 52571084

Panamá

Javier Rosado
Sócio e Diretor Geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Avda. Samuel Lewis. Edificio Omega, piso 6
Tel: +507 206 5200

Quito

Catherine Buelvas
Diretora Geral
cbuelvas@llorenteycuenca.com

Av. 12 de Octubre 1830 y Cordero.
Edificio World Trade Center, Torre B, piso 11
Distrito Metropolitano de Quito (Equador)
Tel: +593 2 2565820

Río de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 — sala 1801
Rio de Janeiro — RJ (Brasil)
Tel: +55 21 3797 6400

São Paulo

Juan Carlos Gozzer
Diretor Geral
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, CJ 111,
Cerqueira César
CEP 01426-001 São Paulo SP (Brasil)
Tel. +55 11 3082 3390

Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e Gerente Geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Avda. Vitacura 2939 Piso 10. Las Condes
Santiago de Chile (Chile)
Tel.: +56 2 24315441

Santo Domingo

Alejandra Pellerano
Diretora Geral
apellerano@llorenteycuenca.com

Avda. Abraham Lincoln
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel: +1 8096161975

Site corporativa www.llorenteycuenca.com
Revista UNO www.revista-uno.com.br
YouTube www.youtube.com/LLORENTEYCUENCA
Facebook www.facebook.com/llorenteycuenca
Centro de Ideias www.dmasillorenteycuenca.com
Twitter http://twitter.com/llorenteycuenca
LinkedIn www.linkedin.com/company/llorente-&-cuenca
Slideshare www.slideshare.net/LLORENTEYCUENCA

A d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

A d+i é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

A d+i é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe d+i LLORENTE & CUENCA.

www.dmasillorenteycuenca.com

d+i LLORENTE & CUENCA